



ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

ANO XI — N.º 126

CAPITAL FEDERAL

QUINTA-FEIRA, 26 DE JULHO DE 1956

SENADO FEDERAL

Relação das Comissões

Comissões Permanentes Diretora

Apolonio Salles — Presidente.
Vivaldo Lima — 1.º Secretário.
Freitas Cavalcanti — 2.º Secretário.
Carlos Lindenberg — 3.º Secretário.
Kerginaldo Cavalcanti — 4.º Secretário.
Neves da Rocha — 1.º Suplente.
Prisco dos Santos — 2.º Suplente.

Comissão de Finanças

Alvaro Adolfo — Presidente.
Cezar Vergueiro — Vice-Presidente.
Ary Vianna.
Alberto Pasqualini (1).
Onofre Gomes.
Paulo Fernandes (2).
Victorino Freire (3).
Mathias Olympio.
Mourão Vieira.
Fausto Cabral.
Daniel Krieger.
Juracy Magalhães (4).

Othon Mäder.
Júlio Leite.
Novaes Filho.
Domingos Velasco.
Lino de Mattos.

Suplentes

Mendonça Clark.
Lima Guimarães.
(1) Substituído pelo Sr. Primo Beck.
(2) Substituído pelo Sr. Gaspar Velloso.
(3) Substituído pelo Sr. Pedro Ludovico.
(4) Substituído pelo Sr. João Arruda.

Secretário — Renato Chermont.
Reuniões — As Sextas-feira, às 10 horas e 30 minutos.

Comissão de Constituição e Justiça

Cunha Mello — Presidente.
Argemiro de Figueiredo — Vice-Presidente.
Gilberto Marinho.
Benedicto Valladares.
Gaspar Velloso.
Ruy Carneiro.
Lourival Fontes.
Lima Guimarães.
Daniel Krieger.
Atílio Vivacqua.
Moura Andrade.
Secretário — João Alfredo Ravasos de Andrade.
Reuniões — Terças-feira, às 14 horas.

Comissão de Economia

Juracy Magalhães — Presidente (1).
Júlio Leite — Vice-Presidente.
Sá Tinoco.
Sebastião Archer.
Lima Teixeira.
Carlos Saboia (2).
Tarcísio Miranda.
(1) Substituído temporariamente por Ovidio Teixeira.
(2) Substituído por Fernandes Távora.
Secretário — Aroldo Moreira.
Reuniões — Terças-feira, às 16 horas.

Comissão de Educação e Cultura

1 — Lourival Fontes — Presidente.
2 — Jarbas Maranhão — Vice-Presidente.
3 — Ezechias da Rocha.
4 — Gilberto Marinho.
5 — Mem de Sá.
6 — Mourão Vieira.
7 — Reginaldo Fernandes.
Secretário — Francisco Soares Arruda.
Reuniões — Quintas-feiras, às 15 horas.

Comissão de Legislação Social

Lima Teixeira — Presidente.
Ruy Carneiro — Vice-Presidente.
Sebastião Archer.
Lima Guimarães.
Lino de Mattos.
João Arruda.
Paulo Fernandes (1).
(1) Substituído temporariamente por Francisco Gallotti.

Secretário — Pedro de Carvalho.
Reuniões — Quintas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Redação

1 — Ezechias da Rocha — Presidente.
2 — Gaspar Velloso — Vice-Presidente.
3 — João Villasbôas (1).
4 — Ruy Carneiro.
5 — Saulo Ramos.
(1) Substituído temporariamente pelo Sr. Argemiro de Figueiredo.
Reuniões — Terças-feira, às 15 horas.
Secretária — Cecília de Rezende.

Comissão de Relações Exteriores

Georgino Avelino — Presidente.
João Villasbôas — Vice-Presidente.
Gilberto Marinho.
Benedicto Valladares.
Lourival Fontes.
Gomes de Oliveira.
Rui Palmeira.
Bernardes Filho.
Moura Andrade.
Secretário — J. B. Castelo Branco.
Reuniões: quartas-feiras, às 16 hs.

Comissão de Saúde Pública

Sylvio Curvo — Presidente.
Pedro Ludovico — Vice-Presidente.
Mendonça Clark.
Saulo Ramos.
Fausto Cabral.
Secretária — Nathércia Sá Leitão.
Reuniões — Quintas-feiras, às 16 horas.

Comissão de Segurança Nacional

Onofre Gomes — Presidente.
Galado de Castro — Vice-Presidente.
Ary Vianna.
Francisco Gallotti (2).
Alencastro Guimarães.
Sylvio Curvo.
Maynard Gomes.
(2) Substituído temporariamente pelo Sr. Paulo Fernandes.
Secretário — Romilda Duarte.
Reuniões — Quintas-feira, às 16 horas.

Comissão de Serviço Público Civil

Prisco dos Santos — Presidente.
Gilberto Marinho — Vice-Presidente.
Ary Vianna.
Galado de Castro.
Mem de Sá.
Mathias Olympio.
Sá Tinoco.
Secretário — Julieta Ribeiro dos Santos.
Reuniões — Quintas-feiras.

Comissão de Transportes e Comunicações e Obras Públicas

1 — Novaes Filho — Presidente.
2 — Neves da Rocha — Vice-Presidente.

- 3 — Francisco Gallotti.
4 — Gaspar Velloso.
5 — Coimbra Bueno.

Secretário — Francisco Soares Arruda.

Reuniões — Quintas-feiras, às 16 horas.

Comissões Especiais

De Revisão do Código de Processo Civil

João Villasbôas — Presidente.

Georgino Avelino — Vice-Presidente

Attilio Vivacqua — Relator.

Filinto Müller.

Secretário — José da Silva Lisboa

Reuniões — Quintas-feiras.

Comissão Mista de Revisão da Consolidação das Leis do Trabalho.

Senadores

Lima Teixeira — Presidente.

Ruy Carneiro.

Filinto Müller.

Francisco Gallotti.

Saulo Ramos.

Argemiro de Figueiredo.

Othon Mader.

Kerginaldo Cavalcanti.

Júlio Leite.

Deputados

Ernani Sátiro — Vice-Presidente.

Aarão Steinbruch — Relator Geral

Tarso Dutra.

Jefferson Aguiar.

Cunha Mello — Presidente.

Moury Fernandes.

Licurgo Leite.

Silvio Sanson.

Lourival de Almeida.

Raimundo Brito.

Comissões de Inquérito

Comissão de Inquérito para apurar fatos relativos à liberação da Quimica Bayer Limitada.

Alvaro Adolpho — Vice-Presidente

Pedro Ludovico.

Fausto Cabral.

Argemiro de Figueiredo.

EXPEDIENTE

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

DIRETOR GERAL

ALBERTO DE BRITO PEREIRA

CHEFE DO SERVIÇO DE PUBLICAÇÕES
MURILO FERREIRA ALVES

CHEFE DA SEÇÃO DE REDAÇÃO
LEOPOLDO CESAR DE MIRANDA LIMA

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

SEÇÃO II

Impresso nas Oficinas do Departamento de Imprensa Nacional
AVENIDA RODRIGUES ALVES, 1

ASSINATURAS

REPARTIÇÕES E PARTICULARES

Capital e Interior			
Semestre	Cr\$	50,00	
Ano	Cr\$	96,00	

Exterior			
Ano	Cr\$	136,00	

FUNCIONARIOS

Capital e Interior			
Semestre	Cr\$	29,00	
Ano	Cr\$	76,00	

Exterior			
Ano	Cr\$	108,00	

— Excetnadas as para o exterior, que serão sempre anuais, as assinaturas poder-se-ão tomar, em qualquer época, por seis meses ou um ano.

— A fim de possibilitar a remessa de valores acompanhados de esclarecimentos quanto à sua aplicação, solicitamos dêem preferência à remessa por meio de cheque ou vale postal, emitidos a favor do Tesoureiro do Departamento de Imprensa Nacional.

— Os suplementos às edições dos órgãos oficiais serão fornecidos aos assinantes somente mediante solicitação.

— O custo do número atrasado será acrescido de Cr\$ 0,10 e, por exercício decorrido, cobrar-se-ão mais Cr\$ 0,50.

Kerginaldo Cavalcanti.

Ezequias da Rocha.

Secretário — Mécio dos Santos Andrade.

Reuniões às quinta-feiras, às 16 horas.

De Mudança da Capital

Coimbra Bueno — Presidente.

Paulo Fernandes — Vice-Presidente.

Attilio Vivacqua — Relator.

Alberto Pasqualini.

Lino de Mattos.

Secretário — Sebastião Veiga.

Reuniões — Quintas-feira.

Comissão Especial de Estudos da Valorização dos Rios Tocantins e Parnaíba.

Mathias Olympio — Presidente.

Domingos Velasco — Vice-Presidente

Mendonça Clark — Relator

Remy Archer.

Parsifal Barroso.

Coimbra Bueno.

Ezequias da Rocha.

Secretário — José Soares de Oliveira.

Reuniões — Sextas-feira, às 20 horas.

Ata da Sessão Especial para receber o Chefe do Governo da República Argentina, Sr. General de Divisão Pedro Eugênio Aramburu, em 25 de julho de 1956.

PRESIDÊNCIA DO SR. APOLONIO SALLES.

As 14 horas e 30 minutos acham-se presentes os Srs. Senadores: Vivaldo Lima. — Mourão Vieira. — Cunha Mello. — Prisco dos Santos. — Alvaro Adolpho. — Sebastião Archer. — Mathias Olympio. — Mendonça Clark. — Othon Mader. — Fausto Cabral. — Fernandes Távora. — Kerginaldo Cavalcanti. — Georgino Avelino. — Reginaldo Fernandes. — Ruy Carneiro. — João Arruda. — Argemiro de Figueiredo. — Apolônio Salles. — Novaes Filho. — Ezequias da Rocha. — Freitas Cavalcanti. — Rui Palmeira. — Júlio Leite. — Maynard Gomes. — Lourival Fontes. — Neves da Rocha. — Ovidio Teixeira. — Lima Teixeira. — Carlos Lindenberg. — Attilio Vivacqua. — Ari Viana. — Sá Tinoco. — Paulo Fernandes. — Tarcísio Miranda. — Alencastro Guimarães. — Caiado de Castro. — Gilberto Marinho. — Bernardes Filho. — Benedito Valadares. — Lima Guimarães. — Cesar Vergueiro. — Lino de Mattos. — Coimbra Bueno. — Sylvio Curvo. — Othon Mader. — Gaspar Velloso. — Alô Guimarães. — Gomes de Oliveira. — Francisco Gallotti. — Saulo Ramos. — Daniel Krieger. — Mem de Sá — (52).

O SR. PRESIDENTE:

Esta aberta a sessão especial para receber o Chefe do Governo da Re-

pública Argentina, Sr. General Pedro Eugênio Aramburu.
Designo os Senhores Senadores Georgino Avelino, Lima Teixeira, Argemiro de Figueiredo, Attilio Vivacqua, Novaes Filho, Cunha Mello e Lino de Mattos, para em comissão, introduzirem S. Exa. no recinto.

(Acompanhado da Comissão, entra no recinto e toma assento à mesa, à direita do Senhor Presidente, o Sr. General Pedro Eugênio Aramburu. Palmas prolongadas).

Compõem a Mesa, além das duas autoridades já citadas, os Srs. Senadores Vivaldo Lima, Carlos Lindenberg e Freitas Cavalcanti.

No recinto, tomaram assento na primeira fila os seguintes componentes da Comissão do Chefe do Governo Argentino:

Sua Excelência o Senhor Embaixador Luis S. Castineiras, Subsecretário de Relações Exteriores.

Sua Excelência o Senhor Capitão de Fragata Francisco Manrique, Chefe da Casa Militar.

Sua Excelência o Senhor Julio Cesar Balta, Diretor de Relações Públicas do Ministério do Exterior.

Sua Excelência o Senhor General de Brigada Hector d'Andrea, Subsecretário do Exército.

Sua Excelência o Senhor Contra Almirante Arturo H. Rial, Subsecretário da Marinha.

Sua Excelência o Senhor Brigadeiro Federico Ruiz, Subsecretário da Aeronáutica.

Comandante Jacinto Vidal. Tenente de Corveta Juan A. Dover. Conselheiro Eduardo Colombo.

Major D. Roberto A. Shaw. Diretor de Coordenação do Ministério do Exterior.

Major Juan Carlos Meira, Ajudante de Ordens.

O SR. PRESIDENTE:

Srs. Senadores: a presente sessão especial, destinada a receber o Exmo. Sr. General Pedro Eugênio Aramburu, Presidente da República Argentina, enriquecendo os fastos do Senado, há de ser rememorada por todos os tempos como dos mais agradáveis momentos vividos nesta Casa de Ruy Barbosa.

Tem a palavra o orador especialmente designado para interpretar o pensamento do Senado Brasileiro, em homenagem ao insigne visitante — o nobre Senador Gomes de Oliveira.

O SR. GOMES DE OLIVEIRA:

(Lendo) — Excelentíssimo Senhor Pedro Eugênio Aramburu.

Abre-se hoje, o Senado numa sessão especial para recepcionar Vossa Excelência numa homenagem, que sai dos nossos corações, à nobre nação argentina.

Ainda há dias, em visita que fiz à cidade de Dionísio Cerqueira, lindíssima em Santa Catarina com Pueyrredon, em Missiones, pude sentir como são gêmeos os nossos destinos.

Na contiguidade das nossas fronteiras as linhas secas limitam apenas, não separam, e as boas relações entre a gente das duas cidades reafirmam em fatos quotidianos, um sentido vivo do conceito que nos envolve, de povos irmãos.

E onde a contiguidade de nossas fronteiras físicas se interrompe, outros elos se alçam para aproximar e identificar argentinos e brasileiros.

Os dois povos, portugueses e espanhóis, caldeados na mesma raça latina, vivendo na comunhão de um mesmo destino geográfico, espiritual e histórico não poderiam, em verdade, criar no novo continente senão nações moldadas num sentido de comunhão idêntica.

Aqui vieram eles plantar nações que começaram lutando com a terra, insípida por vezes e com o indígena bravo, para vencê-los mas afinal para se identificarem com eles.

Pealando o gado, na amplidão das coxilhas, ou tocando-o para o consumidor distante, aprendemos ambos a lutar com a distância, a enfrentar e vencer os precalços de uma vida de pioneiros que se enrijecem na prática de atividades primitivas.

Mas, na campanha, foi ainda com chimarrão-fumegante que nos habituamos ambos a suprir as deficiências alimentares, e entreter, na intimidade de uma mesma bonbija, relações de camaradagem de que se faz amizade entre os homens.

Fizemo-nos nações adultas, dentro do mesmo impulso de emancipação que agitava os povos sul-americanos. San Martín, lá, José Bofifácio, aqui empolgaram a causa dos dois povos, e embalsamaram a nossa independência. Na cultura, Ingenieros, Sarmiento, Faria de Brito, Alberto Torres, Joaquim Nabuco, Rio Branco, Pneyriron, encarnam o pensamento dos nossos povos e constituíram pináculos da inteligência e da cultura sul-americana, melhor diríamos, humana.

Depois, tivemos ambos a contribuição étnica e cultural dos povos do centro europeu, já num outro estágio de adiantamento, pois que de época mais avançada no tempo e na cultura.

E se as origens étnicas e condições físicas eram os fatores da nossa formação e se assemelhavam tanto, diferentes não poderiam ser as resultantes.

Até a diversidade das nossas atividades econômicas nos haveria de aproximar porque se casavam no encontro de interesses comuns — trocando maté, madeira, por trigo, frutas.

Na política internacional não pudemos, é certo, manter aquela fórmula imaginada pelo meu coestadano e grande brasileiro Lauro Müller — o A. B. C., sigla tão expressiva das nossas afinidades, inclusive com o Chile.

E considerações também de ordem geográfica, que nos aproximavam igualmente dos Estados Unidos, nos levaram, às vezes, para rumos diferentes.

Nem por isso, entretanto, deixou de haver aquela mútua compreensão das razões que ditaram esses rumos. E a cordialidade foi mantida sempre para continuar na estima que continuamos a nutrir para com a Argentina, estima que tem raiz na profundidade das nossas tradições e se traduz na perenidade das boas relações, não só entre governos mas também entre os nossos povos.

Não poderíamos, por isso, deixar de acompanhar com emoção os episódios da vossa vida política na luta ainda para o aperfeiçoamento das instituições democráticas, mesmo porque o nosso estágio de cultura política não é diferente.

Mas, acreditamos que a Argentina, com figuras de elite como Vossa Excelência, Sr. Presidente, vença as suas dificuldades, como nós o estamos fazendo, para que possamos implantar para sempre no continente sul-americano aquele ar de liberdade que aqui na amplidão das coxilhas os nossos maiores encontraram.

Receba V. Ex.ª a saudação muito cordial do Senado, extensiva ao grande povo argentino que havemos de respeitar e querer sempre como amigos que se prezam. (Muito bem; muito bem. Palmas prolongadas).

C SR. PRESIDENTE:

Tem a palavra o nobre Presidente General Pedro Eugenio Aramburu.

O SR. PEDRO EUGENIO ARAM-BURU:

(Movimento de atenção) — Como demonstração clara e terminante de nossa fé na liberdade, los primeros mandatarios de América hemos firmado la Declaración de Panamá.

Los americanos interpretamos la vida con profunda vocación por la

dignidad del hombre y la convicción de que tal dignidad jamás será realidad si no existe libertad.

Cuando pretenda torcer esta verdad, deja de ser americano y es extraño a nuestras tierras.

Señores Miembros del Honorable Senado de los Estados Unidos del Brasil.

Formulo votos de prosperidad por vuestra democracia, que es formular votos por la felicidad de los brasileños.

Que las voces que aquí, en este recinto, representan a un pueblo libre, generoso y valiente, sigan contribuyendo al progreso material y espiritual de esta gran nación, esto es, al progreso de un trozo de mundo que na pacta con la esclavitud. (Palmas prolongadas).

Tradução

O SR. PEDRO EUGENIO ARAM-BURU:

(Movimento de atenção) — Como demonstração clara e positiva de nossa fé na liberdade, os primeiros mandatários da América, subscrevemos a Declaração do Panamá.

Os americanos interpretamos a vida com profunda vocação pela dignidade do homem e a convicção de que tal dignidade jamais será realidade se não exista liberdade.

Tudo quanto pretenda desvirtuar esta verdade, deixa de ser americano e resulta estranho a nossas terras.

Senhores Membros do Honorable Senado dos Estados Unidos do Brasil:

Formulo votos de prosperidade por vossa democracia, que é formular votos pela felicidade dos brasileiros.

Que as vozes que aqui, neste recinto, representam um povo livre, generoso e valente, continuem contribuindo ao progresso material e espiritual desta grande Nação, isto é, ao progresso duma parte do mundo que não se submete à escravidão. (Palmas prolongadas).

O SR. PRESIDENTE:

(Lê o seguinte discurso) — Alegro-me sobremaneira, Senhor General Pedro Eugenio Aramburu ao associar-me, em meu nome pessoal e no da Mesa Diretora do Senado da República, às homenagens que ora acabam de ser prestadas a V. Ex.ª, pela mais alta Casa Legislativa do Brasil. Vejo na pessoa de V. Ex.ª toda a expressão da pujança moça, criadora e idealista, da grande República irmã. Vejo ainda, na visita de V. Ex.ª a esta Casa onde se guardam, como reliquias preciosas, as ressonâncias imorredouras das mais eloquentes e repetidas pregações de fraternidade indissolúvel entre os povos da América, um gesto de legítima e espontânea simpatia de V. Ex.ª e de seu admirável povo a este ideal de harmonia e de fé, nos destinos comuns das nossas grandes pátrias.

Desvanece-nos, a todos os do Senado, ainda mais o seu gesto porque é como se tivesse V. Ex.ª vindo a esta Casa, síntese exponencial da democracia de minha terra, numa incontida e exuberante demonstração das suas próprias convicções democráticas, brotadas na sua alma de patriota, ao calor das aspirações do seu eterno e indomável povo.

Receba, Senhor Presidente Pedro Eugenio Aramburu do Senado brasileiro, com os mais efusivos agradecimentos, o testemunho da mais entusiástica e fraternal acolhida do povo brasileiro.

O SR. PRESIDENTE:

Convido a Comissão de Recepção a acompanhar S. Ex.ª, o Sr. Presidente da Argentina, ao Gabinete do Presidente.

Acompanhado da Comissão, retira-se do recinto o Excelentíssimo Senhor Chefe do Governo da República Argentina, Sr. General Pedro Eugenio Aramburu.

O SR. PRESIDENTE:

Está encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 16 horas e 40 minutos).

DISCURSO PRONUNCIADO PELO SENHOR SENADOR ASSIS CHATEAUBRIAND NA SESSÃO DE 12 DE JUNHO DE 1956.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND:

Estranhará, por certo, a Casa que um franco-atirador do PSD tenha sido convocado para defender, desta tribuna, a autoridade do chefe da Nação, o qual correu o páreo presidencial com as nossas cores, com as cores do nosso partido. O debate irá provar que o chefe do Estado foi, em todos os sentidos, um ausente dos fatos, como eles se passaram, na praia do Flamengo e em outros pontos da cidade. Logo, o homem a quem defendendo, sai inocente, no meio da atoarda azeda, criada lá fora e na outra Câmara, em torno de uma simples rixa de estudantes com soldados que os punham em cerco, a fim de que não repetisse as diabruras da véspera. Bem contada a história, e melhor apurados os fatos, o que se conclui é que houve mais "propos d'orateurs" do que excessos policiais.

Se há um cidadão que, toda a vida, mas toda, fez passar a sua autoridade sem sombra de gendarmes, a seu lado, é o atual chefe do Governo. Quando se é um "nouveau riche" do poder, se tem a gana de experimentar a autoridade, desafiando até mesmo os timoratos, que mexiam com ela de longe. Com os Sr. Juscelino Kubitschek o que acontece, porém, é que, se ele fosse um recém-vindo ao Executivo, que pretendesse pôr à prova a sua força, a experiência já estaria feita, em quatro anos de prefeitura de Belo Horizonte, e mais outros quatro de Executivo de Minas.

Nunca, entre as acusações de que tem sido alvo, ninguém se lembrou de descobrir-lhe o traço vil do opressor.

CIDADÃO DESARMADO

Candidatou-se o Senhor Juscelino Kubitschek à magistratura suprema da União federal, como um cidadão desarmado. Não exercia um posto público. Ele era, como evidentemente ainda é, um inquieto. Mas esse é o seu estilo, o estilo da sua personalidade. As demonstrações de força material não são da sua linha política nem administrativa. Onde já se viu, em Minas ou fora de Minas, um ato territorial praticado ou sequer inspiado pelo presidente?

Podemos esperar tudo dele, menos movimentos de arbitrio pessoal. Onde quer que se apresentou até aqui, como chefe de Governo, o Sr. Juscelino Kubitschek, a impressão que deu, foi a de uma índole patriarcal; e, por isso mesmo, é que a maioria do Senado designou um temperamento paternal, como o meu, a fim de elaborar aqui os esclarecimentos de que o público precisa, acerca dos acontecimentos desenrolados, nas ruas do Rio de Janeiro, em torno do aumento das tarifas dos bondes.

Diga-se, aliás, de passagem, que, se o caso transcendesse à borrasca mais grossa, o porta-voz da maioria só poderia ser o nosso leader efetivo, general Felinto Muller. Mas, como se trata de ligeiras escaramuças, uma das vozes autorizadas para falar aqui (nisto estou de acordo) foi a deste humilde representante do Maranhão.

Nós outros, no Maranhão, encaramos o que o liberalismo político tem de genuíno. E estamos dispostos até a abnegação e ao sacrifício para não comprometer as idéias liberais, nos bastardos entreveros das paixões facciosas. Nossas diferentes zonas geográficas possuem uma municipalidade

de crescente de fisionomias psicológicas. A truculenta dos paraibanos. A dos maranhenses, amorável e risonha. Desta forma, se os acontecimentos que agitam a cidade, tivessem o aspecto grave com que os apresenta a oposição, repito, o porta-voz do governo, para responder às críticas aqui levantadas, teria de ser o nosso próprio leader efetivo. Ele é, por definição de atos positivos, uma legítima personalidade da Paraíba, capaz de interpretar as lutas "callejeras" asperas como imaginam tivesse tido lugar na praia do Flamengo, os ilustres colegas da bancada da UDN.

Mato Grosso não produziu até hoje um jagunço próprio, senão os de violento sangue importado. Silvino Jé, que era puro gaúcho. O fabuloso Zé nobio da Costa, nascido em Corumbá, mas de legítimo sangue paraibano, e um general Felinto Muller de brava tinta prussiana. Do pantanal a Luiz Cáceres, Mato Grosso é todo banhado de azul.

O Sr. Felinto Muller — Veja V. Ex.ª que o Maranhão já está mais ou menos igual à Paraíba. Ainda há pouco tempo, por lá houve troca de tiros de garrucha.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND

— Talvez fôsse uma falsa atmosfera gerada pela transferência de um senador da Paraíba para o clima doce da terra das "palmeiras onde canta o sabiá". Ocorreu de fato uma ligeira aquartelada, mas logo tudo se arrumou, com a cadeia para o quartelheiro frustrado.

O Sr. Felinto Muller — Talvez fôsse.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND

— Deixei a guarda das tradições paraibanas entregues aos nobres colegas, que representam o Estado na Casa e que continuam a sustentar riço o estilo da nossa terra.

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Qual a tradição a que V. Ex.ª se refere?

— A dos governos patriarcais, que sabem preservar os direitos das minorias, mesmo quando elas se mostram turbulentas, com métodos da brandura e suavidade, que costuma empregar, uma vez executivo, o general Felinto Muller.

ACUSAÇÃO INFUNDADA

Sr. Presidente, insisto: se porventura o que ocorreu de frente do edifício onde se acha instalada a sede da UDN revestisse ainda que um leve colorido paraibano certamente o leader governamental fora o general Felinto Muller e não um senador acadêmico, do tipo literário, a menos que atualmente encarnou.

O Sr. Ruy Palmeira — Permite V. Ex.ª um aparte? (Assentimento do orador) — O subconsciente de V. Ex.ª, o está traíndo? V. Ex.ª dizia estar à porta da UDN.

— Retifico, senhor presidente, e agradeço ao ilustre colega a pressa à qual se deu a fim de esclarecer a Casa sobre a confusão em que eu a havia deixado.

Considero acusação infundada pretender-se identificar o chefe do Governo com idéias de absolutismo e processos de tirania. Se há um cidadão que nasceu para professar todos os cultos à liberdade e combater a intolerância, tal a claridade interior do seu espírito, é o Sr. Juscelino Kubitschek. No distrito de Diamantina não existe ambiência para régulos nem sobas. O homem que ali nascesse com esta vocação seria automaticamente desqualificado desses traços crus do instinto e da animalidade.

As grandes faúves dos jardins de aclimação da política mineira, são todas as Zonas da Mata e do sertão bravo do nordeste e do Vale do São Francisco, de Januária para cima. O jagunçismo não poderia nascer sob o azul celeste do firmamento diamantino, onde a tradição política humanista ligada ao respeito dos foros da personalidade do homem e seus direitos à soberania popular inclusiva a liberdade de pensamento,

de imprensa, de expressão dos variados cultos religiosos, em que se divide a fé em Deus dos indivíduos. Encarna o condutor, que é filho de Diamantina, um tipo à parte no quadro político de Minas. Mesmo nas horas mais conturbadas dos espíritos, o chefe ali formado, se distingue pela fidelidade à pureza das suas origens e pela cor rósea dos seus roteiros. Para ele o que a política lhe deverá voltar na consciência são nobres e elevadas idéias humanitárias, culturais e cívicas.

Ora, Senhor presidente, como seria possível coexistir um *leader*, amante da liberdade e da igualdade, com um despota sangrento, capaz de mandar bater em estudantes para lhes fazer calar sentimentos errados e ousados, mas em todo caso, de simpatia pela sorte das classes menos favorecidas?

Na semana, que precedeu o choque dos estudantes, o presidente comigo se entreteve só de colíbris. Sua alma andava cheia do ruflar d'asas dos beija-flores. Seria possível alguém descer da asa de um colibri para tomar de um cacete e por-se a massacar o dr. Cardoso, o dr. Martins, junto com os estudantes?

Quero ser aqui de uma lealdade insólita com os meus compatriotas: os políticos de Diamantina nada têm de comum com *leaders* da terrível ferocidade ovíca e pessoal dos presidentes dos Diários e Rádios Associado de Minas, os nobres chefes da UDN, e que são, também, nossos presidentes, dois e consultor técnico, o outro, os Srs. Pedro Aleixo, Alberto Deodato e Milton Campos. Jamais tivemos necessidade de propor à assembleia de acionistas de nenhuma das cinco empresas associadas de Belo Horizonte ou em Juiz de Fora, um presidente saído da Mata, ou de Cabo Verde, ou Montes Claros. Quando o Sr. Pedro Aleixo completou o primeiro quinquênio no cargo de presidente de "O Estado de Minas" (ele já se encontra há quase trinta anos como presidente, e com poderes irrestritos de totalitário — pois que toda a vez que opinamos dizemos todos: "Pedro Aleixo tem razão...") para lhe interromper o primeiro consulado e abrir interstício para o segundo, foi sugerido o nome do Sr. José Américo. Consultamos todos os acionistas mineiros da empresa, que são mais de oitenta. Todos, mas todos, entenderam que não havia necessidade de localizar um paraibano efervescente, em Belo Horizonte ou Juiz de Fora, quando tínhamos no Sr. Pedro Aleixo um consil impecável dessa família, na capital mineira. Outro tanto sucedeu nos dias difíceis em que "O Jornal" teve de procurar um chefe para a sua sucursal literária em Belo Horizonte. Onde achar um "celerado" de Catolé do Rocha ou da Misericórdia, para transformá-lo em agitador de idéias políticas na metrópole das Gerais? Todos os acionistas consultados aclamaram: Milton Campos! Tinha 24 anos e verde brotinho de jagunços sertanejo. Sua madrinha era dona T'burina Alves, a heroína autonomista de Montes Claros. Esta história tem 31 anos. O Sr. Milton Campos não mudou. Sua intolerância política é a dos nossos, bem dos bem dos nossos, de "Anacé e Riacho do Sangue. Bem vê a Casa que nenhum representante de Minas melhor depará das virtudes dos condutores mineiros quanto eu. Por sermos da Paraíba e não queremos mudar de ambiência, estamos ancorados em Belo Horizonte desde 1825, em três fulcros udenistas: Pedro Aleixo e Alberto Deodato, ambos presidentes da UDN, e Milton Campos, nosso consultor técnico-liberal. É a nata do partido. É a creme do seu fervor sectário. Logramos ter apurado o nível moral dos pelotões "associados" de Minas, pela presença no nosso alto comando de chefes da capacidade de ação direta dessas três figuras, cheias de ousadia e de "mordant".

Padrinho da Filha

Convicto da perfeição dos seus e dos nossos métodos, e vendo como davam certo no "Estado de Minas", no "Diário da Tarde" de Belo Horizonte, no "Diário Mercantil" e no "Diário da Tarde" de Juiz de Fora, o Sr. Juscelino Kubitschek convidou o nosso presidente para compadre.

— Que significa um chefe do PSD tomar como padrinho da sua filha um *leader* das molas esplêndidas do Sr. Pedro Aleixo?

É que o Sr. Juscelino Kubitschek desejava tomar alguns treinos de endurecimento da vontade e dos seus processos partidários com o presidente dos associados das Gerais, o Senhor Pedro Aleixo.

Stendhal para enrijar o estilo recorria ao Código de Napoleão. Lia-o uma hora por dia. O presidente Juscelino Kubitschek para enrijar o estilo político, faz o presidente da UDN de Minas, padrinho da filha.

E não conseguiu aquilo que a cooperação e o acordo interpartidário lograram dar à Paraíba. Tendo tido ímpetus, Senhor Presidente, de convidar uma missão de instrução paraibana para ir a Minas, a fim de mitigar o fanatismo partidário dos flamantes udenistas mineiros, levando-lhes as novas poções de Chemovyz político do senador Ruy Carneiro e do Governador Flávio Ribeiro.

Enfim, senhor presidente, logramos atenuar a intratabilidade dos códigos políticos da Paraíba, enquanto que em Minas, nada há a fazer: Ingá do Bacamarte, continua na presidência nos nossos rádios e jornais, mas também, na direção da UDN. A família udenista mineira é sectária do totalitarismo, no céu na terra. Que mineiros doces e flexíveis somos nós, do Nordeste!

Admiro, Senhor Presidente o clima desta Casa, porque se a tolerância desaparecesse do Brasil, o último lugar onde ela morreria havia de ser no Senado Federal. Nossa chefia de partidos, organizam a vida aqui dentro em termos de selo de Abraão. Temos alambiques especiais para filtrar e diluir as paixões mais venenosas. Nossos "butantan's boys", os mais agressivos da bancada da UDN, resultam offícios de encantadora amabilidade.

O Sr. Filinto Müller — Muito bem! O Sr. ASSIS CHATEAUBRIAND — Não nos surpreendem os excessos a que se lançaram os estudantes, não tanto em geral, como em grupos de companheiros, ludibriados pelos comunistas, que se haviam infiltrado no meio dos seus pelotões. Sei quanto os nossos estudantes gostam de ser independentes. Quanto eles militam pela coisa pública com a sensibilidade do seu verdadeiro valor: Têm o coração assaz vulnerável às paixões do seu tempo. Mas o que ocorre é que lhes escasseia, às vezes, sentimento de justiça para reconhecer a justiça da solução de nossos problemas, como o da remuneração das passagens de bondes. Capacitaram-se de que a companhia não tinha razão. Vieram para a rua materializar a sua reprovação às novas tarifas. "Meneurs" vermelhos se atravessaram nas fileiras das formações juvenis, induzindo-as a paralisar o tráfego de bondes e ônibus, movimento esse de todo o ponto de vista, ruinoso para a situação de uma massa obreira do volume e da densidade da nossa.

Suponho que a qualquer dos nossos compatriotas ocorrerá a importância destas duas conduções, que são o tramway e o ônibus, em um centro demográfico da extensão da Capital da República.

O Sr. Ruy Carneiro — São ambos esses veículos a condução do pobre.

EXCELENTE MEDIDA

O Sr. ASSIS CHATEAUBRIAND — E da classe média. Serviu-se o nosso caro colega senador Villas Boas de expressão obliqua, para caracteri-

zar as providências do Executivo e da Polícia, no dia seguinte ao das depredações dos tramways. Realmente, a expressão foi bem achada para caracterizar o cordão de isolamento, estabelecido pelas autoridades militares, entre o edifício da UNE e a rua. Por que censurar a excelente e precisa medida que o general Denys, em combinação com as autoridades federais, adotou para defender o valioso material do tráfego dos Carris Urbanos? Concentrados os cabecilhas na sede da UNE, e impedidos de ganhar a rua, tinham as autoridades nesse situação o melhor caminho para começar a conter os acadêmicos no mais anti-social dos seus movimentos, que era a paralisação dos serviços de deslocamento dos passageiros das fábricas para a cidade e vice-versa. Esta providência tomou-a a polícia com um objetivo salutar: devolver o mais depressa possível os operários às suas casas, ou então, transportá-los delas para o trabalho pacífico das usinas, das casas de comércio e das repartições públicas.

A campanha contra o presidente, desenvolvida sobre as cinzas de trezentos veículos, queimados ou danificados, é uma injustiça contra o cidadão que nada fez para ficar em postura de acusado, por acontecimentos que ele não provocou e tampouco por atos de violência que não praticou nem teria autorizado os agentes do poder público que os cometessem. Agitadores soviéticos se lançaram a golpes de terrorismo na cidade. Estudantes sofreram a infiltração dessa máfia vermelha. A oposição, longe de acalmar os espíritos, excitou-os tomando o partido de uma demagogia perigosa, qual aquela que atacava o aumento das passagens, todo ele, mas todo, destinado à melhoria dos serviços atuais, e tem um cruzeiro subtraído para os cofres da companhia, exausta de perder dinheiro, com as tarifas vigentes.

A polícia foi uma espectadora passiva dos deploráveis atentados contra a propriedade dos concessionários dos serviços de transportes e de tramways na cidade. Por que a UDN não veio profigá-los? Por que a oposição, que tanto atua sobre escolares deixou que os comunistas os tutelassem, infiltrando-se os soviéticos no seio deles para a destruição de bens preciosos e até difficilimos de importar? O cerco da sede da UNE foi precisamente para impedir que os estudantes, ali hermeticos, não pudessem mais sair à rua para serem contaminados pela influência dos extremistas. Esses, o que desejavam, era lançar a confusão e o terror vermelho na cidade, a ponto de opor-se, e com êxito, durante mais de vinte e quatro horas que grande parte da população ordeira do Rio de Janeiro tivesse transporte barato e fosse para o trabalho. A UNE, ocupada, embaraçou deveras as comunicações entre o quartel-general do ataque dos bondes (na UNE, havia estudantes dominados por agentes comunistas) e os agentes depredadores nas ruas.

Seria supérfluo dizer que a política e as forças armadas de terra existem justamente para não permitir que subsistam situações intoleráveis como as que os do Partido Comunista, servindo-se dos estudantes cariocas, criaram na capital da República.

O Sr. Ruy Palmeira — Não apoiado! Os parlamentares vilmente agredidos eram companheiros da UDN em missão de Paz.

O Sr. ASSIS CHATEAUBRIAND — Estes três ilustres parlamentares fizeram a romaria do seu próprio infortúnio, decididos a se implorarem ante os cassetes dos P.M. que policiavam as vizinhanças da sede da UNE. Foram viris e abnegados na consciência do dever, que os "puxava" inocentes para aquele ninho de

policiais, dispostos à áspera execução das ordens recebidas acerca da inviolabilidade do terreno que as suas patrulhas deveriam guardar.

DEPUTADOS CABEÇUDOS

Um prognóstico era certo, quando os parlamentares tentaram romper o cordão de isolamento da sede social dos estudantes: a crise ante a tropa do Exército, que montava guarda ao edifício, e os deputados cabeçudos que marchavam para a fatalidade do choque físico.

A decisão de desobedecer às ordens do cerco, uma vez tomada pelos três parlamentares imprudentes, haveria de ter consequências. Os amigos da ordem não se conformam com uma atitude como a que tiveram os parlamentares em questão. Eles romperam voluntariamente as pontes do respeito que indivíduos civilizados têm com a autoridade, quando ela na rua sofre as humilhações e os vexames, pelos quais passava desde a véspera. Abriram mão da convivência pacífica com os responsáveis pela ordem, tentando atravessar um trecho de rua proibido. Que renunciavam eles, com uma bravura, que somos os primeiros a reconhecer, mas também com uma imprudência que não somos os últimos a deplorar? A sua segurança pessoal. Corajosos, não desconhecemos o hajam sido; mas também levianos no afrontar o cassete de dos soldados da "linha", igualmente o proclamamos.

O Sr. Ruy Carneiro — Apoiado! O Sr. ASSIS CHATEAUBRIAND — A polémica que estamos aqui travando desnecessária seria se conhecessemos melhor o chefe militar a quem o presidente da República incumbiu da tarefa do policiamento interno do centro do Distrito Federal. Estou há meses, senhor presidente, para prestar um depoimento à nação acerca da conduta do general Odílio Denys em face dos acontecimentos políticos, nos quais tem ele estado envolvido. Ao regressar de modo repentino de Viena, para vir votar o estado de guerra, encontrei-me com o general Denys. Logo perguntei-lhe por que, chefe cioso da ordem e da disciplina, não agira com maior severidade contra os camaradas que, direta ou indiretamente, desobedientes se mostravam com o Executivo nos últimos episódios políticos?

— Está enganado, disse ele, nós não pretendemos insistir na atmosfera de zizania entre os nossos companheiros, senão chamá-los à razão, para que a harmonia volte ao seio da nossa classe. A nação não tem interesse em ter um Exército, uma Marinha e uma Aeronáutica divididos, politicamente divididos. Era indispensável que as forças militares acatassem a dupla decisão do povo e cessação presidencial. Interesses parciais da Justiça Eleitoral, no caso da sutidários se infiltraram no corpo de oficiais das três armas. O nosso esforço tem consistido em eliminar esses germes deletérios, incompatíveis com as instituições militares. Já Solon dizia que o desdem pela lei enche de males a cidade. Peleamos até agora para convencer os camaradas transviados do erro em que estavam, servindo-nos das armas da persuasão e do raciocínio. Nossa obra é de compreensão e de paz. O Brasil nada tem a lucrar com os militares lançados uns contra os outros.

Estas palavras, senhor presidente, são menos de um soldado que de um educador, decidido a usar da sua influência para aplacar os maus ventos da discórdia intestina.

O Sr. Daniel Krieger — No meu entender, os transviados não foram os que apoiaram o governo constituído.

MOVIMENTO DE INDISCIPLINA

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Transviados eram os militares que pregavam o desacato ao pronunciamento das urnas e ao veredictum do Tribunal Eleitoral.

O Sr. Daniel Krieger — Não deram demonstração de desrespeito, os outros é que revelaram, através de fatos positivos, seu desrespeito à Constituição, violando-a e destruindo-a.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Preconizando essa doutrina, V. Exa. se faz um contemtor da legalidade. Houve até oficiais que tomaram um navio de guerra, em plena sublevação! Foram ao oceano largo e não ficaram homens ao mar. Regressando de um movimento irrefletido de indisciplina, foram recebidos pelos companheiros nos braços da fraternidade da classe. E' o general Denys um verdadeiro "Plaga do Amor" costro-alviano.

O Sr. Daniel Krieger — Não tomaram o vapor de guerra, a que se refere V. Exa.! O presidente da República estava a bordo!

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — V. Exa. traz à baila um presidente que se recusara a punir o oficial que, num cemitério, falando durante cerimônia pública, proferira palavras de desacato à decisão de Tribunal civil, superior!

O Sr. Daniel Krieger — Permite V. Exa. um esclarecimento?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Sou todo ouvidos, porque amo a controversia.

O Sr. Daniel Krieger — O presidente Café Filho, em depoimento não contestado, declarou ter o general Lott solicitado não fosse impedida a divulgação do discurso do general Canrobert. Pois bem, a oração do coronel Mamede foi uma repetição das palavras do ilustre militar desaparecido.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Estou certo de que o general Lott, assim agindo, forrava-se de excitar o seu colega general Canrobert que vi, por duas vezes, naqueles tempos aziagos, alongado da sua habitual serenidade. Ele não receava de tornar público um discurso que sabia de antemão destinado a não ter maior eco no seio das Classes Armadas, como não teve. Já gravemente enfermo, fôra até desumano punir o ex-ministro da Guerra. O depoimento do nobre colega só depõe a favor da indole forte e isenta do titular da pasta da Guerra.

V. Exa. está esquecendo de um trecho do discurso que aqui fiz, acerca da conduta do ministro da Guerra no caso presidencial. Ele apresentou ao presidente Luz três alternativas para resolver o "affaire" Mamede. Uma delas envolvia o simples desligamento do oficial, e sem qualquer punição específica.

Quero dizer à Casa que o general Denys se há revelado, na crise pela qual tem passado a sua classe, uma índole de catequista. Ele pena todo o santo dia para que os colegas de armas desgarrados voltem à confiança e à estima dos companheiros. A ele e aos seus companheiros que serviram à legalidade não os omrde nenhuma ambição de mando. Lutavam para arrancar os camaradas dos braços da facção e restituí-los a vida arejada e pura da caserna e da pátria. Queriam que eles não se desviassem da órbita da disciplina, abstendo-se de pronunciamentos públicos contra o voto dos magistrados civis. (Muito bem!). O arbitrio levado para dentro da caserna abriga também a sedição e a anarquia.

O Sr. Caiado de Castro — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com prazer.

O Sr. Caiado de Castro — As declarações de V. Exa. sobre o general Odílio Denys alegraram-me sobremaneira. Conheço-o desde os dezessete anos

quando foi meu instrutor, na Escola Militar. Depois de uma longa vida encontrei-o, na noite trágica de agosto, sereno, aguardando ordens. A tropa estava reunida e pronta para entrar em ação, em cumprimento de ordens que não foram expedidas. Alegro-me, portanto com as palavras de V. Exa. sobre meu velho chefe e amigo, general Odílio Denys, que bem retratam a figura daquele ilustre militar.

O Sr. Filinto Müller — O nobre orador permite um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com a mesma satisfação com que ouvi o do general Caiado.

O Sr. Filinto Müller — Desejo apenas apolar os argumentos do nobre senador pelo Distrito. Conheço o general Odílio Denys, meu instrutor na Escola Militar, desde cadete. Dou testemunho do seu espírito sereno, equilibrado e equânime. Com relação ao aparte do ilustre Senador Daniel Krieger admitindo para argumentar, fôsse o comandante da Zona Leste o transviado, e não os outros, mesmo assumo reconhecimento, fortalecendo a afirmativa do nobre orador, que o general Denys dispunha naquele momento de forças suficientes para perseguir os oficiais em desacordo com seu ponto de vista. O honrado Senador Assis Chateaubriand apenas acentua que S. Exa. não abusou do poder e procurou dar aos militares em oposição oportunidade de uma união futura em benefício das Forças Armadas e da Nação.

O Sr. Daniel Krieger — Insurgiu-me apenas contra a designação de transviados. Entendo que não estavam transviados, mas no cumprimento do dever. No meu julgamento, eram os outros os transviados.

PLANO DE SUBVERSÃO

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Sugiro a Academia Brasileira de Letras a redação de um Dicionário Especial para a formação cívica dos brasileiros que seguem o ardido "gauleiter" riograndense o nosso distinto colega Senador Daniel Krieger. O transviado, em todos os léxicos portugueses, é o evadido das regras da moral ou do direito. Políticos civis, os mais flamantes na defesa dos princípios liberais tentaram armar, como braços executores de um plano de subversão militar, oficiais do Exército, da Marinha e da Aeronáutica. Ressoavam, na tribuna parlamentar, nos jornais, tiradas declamatórias, santificando o golpe e glorificando os heróis militares, escalados para desfechá-lo. No seio tumultuário da oposição criava-se uma atmosfera de desprezo pela decisão do Tribunal Eleitoral, a maior autoridade nesse tipo de justiça e que confirmara o resultado das urnas no pleito para escolha do magistrado supremo. Recomendava a oposição em seus órgãos de imprensa, na voz de alguns dos seus líderes responsáveis, como providencial e benéfico para o país, o cancelamento do resultado dos comícios, ao sópro de rajadas de metralhadoras.

Compreendeu o chefe militar, que está de novo no pelourinho da oposição, a propósito do caso da União Nacional dos Estudantes, quanto os políticos imprevidentes e os escolares irrefletidos estavam conspirando e contribuindo para o afrouxamento da disciplina do povo e da ordem nos espíritos.

O Sr. Ruy Carneiro — Apoiado! As considerações de V. Exa. correspondem à opinião da maioria da Casa. A qual ratifica o julgamento do nosso colega do Maranhão, a propósito dos fatos em discussão. É o general Denys um soldado de cordura perfeita. Ninguém tem cooperado para fortalecer a ordem civil como ele. É um patriota. Nas suas mãos, as liberdades da nação se acham devidamente garantidas.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Conheço de longa data o general Odílio Denys. Ele gosta não só de punir como de agir em termos de educação. Amando a verdadeira dignidade da sua classe, entende que o fun-

damento dela, é a obediência. Mas não a obediência passiva, imposta pelo regulamento do conde de Lippe, mas a outra, consciente e refletida, que resulta do consentimento dos que a ela se submetem. As vias da Legalidade que chefes de linha, como os generais Lott e Denys procuram, não constituem uma experiência que ambos queriam para si, mas instrumentos de harmonia e de concordância, capazes de unir a todos os companheiros. Isto explica o estilo de tolerância e serenidade que eles têm guardado no meio do maletar dos últimos meses.

O Sr. Ruy Carneiro — Permite V. Exa. um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Temos todo o prazer em ouvir Vossa Excelência.

O Sr. Ruy Carneiro — No dia 24 de maio último realizou-se um almoço no Batalhão de Guardas. O comandante daquela unidade, coronel Paulo Duarte, um velho amigo que serviu na Paraíba durante a guerra, convidou-me para comparecer. Na oportunidade, ouvi do general Denys depoimento quase idêntico ao de V. Exa. Aliás, meu juízo sobre aquele ilustre militar é semelhante ao formulado pelo ilustre colega, e secundado pelos demais colegas desta Casa.

CONTRASTE

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Muito grato pelo aparte de Vossa Excelência.

Quanto contraste entre a atitude do presidente e dos chefes do Exército e os nossos adversários, os líderes da oposição! Presidente e chefes do Exército estão vendo que os militares, que têm sucumbido às explorações feitas durante as lides da sucessão, são homens que carecem antes de ser ajudados do que castigados. Eis porque, em lugar de puni-los em seus crimes de insubordinação, tentam primeiro os esforços de persuasão para conquistá-los à disciplina, como o chamamento ao raciocínio, para pô-los de novo na fidelidade à lei.

Acredite a Casa na sinceridade do que digo: até que um chefe, como o general Denys, considere tal camarada um pagão ou um publicano, é preciso que ele se mostre rebelde vinte vezes à convivência pacífica, dentro desta comunidade de homens livres que é o Exército Nacional. A paciência do general Denys foi posta à prova em face de provocações de toda ordem, para que ele e seus companheiros respossem os movimentos de dissensão no seio da classe, aplicando o rigor dos regulamentos. Mas o educador incorrigível soube resistir à sedução das forças, trocando a espada pela palavra: a sanção dos códigos militares pela humildade do espírito de renúncia. O despotismo da facção se não logrou até hoje introduzir o veio "bochicho" paraguai no seio da tropa de terra, foi porque a força de consciência, o espírito de serviço e o espírito de isenção dos seus chefes foram maiores do que a tenacidade em organizar ali dentro a agressão à disciplina e à legalidade.

Imagino a felicidade íntima dos chefes do Exército, com o êxito dos seus processos de cordura, pela outra que me empolga há um mês, diante do que denominaria o espírito de Catanduva.

Esta cidade é a capital de um distrito cafeeiro paulista. Tendo desfraldado a bandeira da redenção da rubiácea, em São Paulo, Catanduva teve o condão mágico de reunir todos os seus partidos políticos para essa obra. Passei dois dias no seio da comunidade paulista, que produz mais cafés finos. Nas festas com que fui cumulado, estavam presentes todos os Deputados estaduais, vereadores e líderes da União Democrática Nacional, que é minha filha — malandro-na, às vezes, reconheço-o — mas é também minha filha. Que prodigioso símbolo de grandeza paulista e brasileira que é o café! Pois bem, ele tem sido uma solda bastante eficaz para dar liga, faz dois anos, a

um sólido conagraçamento a toda a gente em oito ou dez municípios de São Paulo. Ao prefeito, interroguel-o a que partido pertencia, e a sua resposta desconcertou-me:

— Já me esqueci, de tal modo todos os partidos, mas todos, sem exceção, trabalham juntos comigo para consolidar op hora moral e econômico desta cidade e da zona a que ela pertence.

Com que orgulho estendi a mão àqueles bravos companheiros udnistas, pessepiistas, democratas cristãos, petenistas e pesseditas de mãos trêvas, que, esquecidos os rancores e desentendimentos partidários, uniam-se para que o chefe do Executivo, feito chefe de todos os catanduvenses, prestasse serviços à cidade! Mas eu não preciso de ir a Catanduva, no seio do cafezal paulista, a fim de aprender lições de convivência política.

DISCIPLINA E AUTORIDADE

Este país, do que precisa, Senhor Presidente, é de disciplina e autoridade nos governos, ordem nos espíritos e nas ruas e decência de costumes, nos organismos partidários. Um pequeno país da Europa acaba, faz 11 anos, de encontrar, no meio de todos os infortúnios, quase que à sua felicidade na integração de dois partidos um da direita e outro da esquerda, para salvá-lo deste ultranacionalismo, que hoje infecta o Brasil, the apodrece a administração e o irabilita para tomar os caminhos seguros do progresso, que são as suas "way of life". Na Austria existe — preste atenção a Casa — a mais sábia coligação, para se tentar um esforço de "redessement" nacional, num país exausto pela guerra. A coligação está organizada entre conservadores e socialistas. Não é o que tento desde 1946? Que apoio não temos dado, nos "Diários Associados" aos trabalhistas brasileiros para lograr aliança idêntica aqui em benefício, antes de tudo, do país? Na primeira quinzena de maio o povo austríaco foi às urnas. Ratificou esplendidamente a aparentemente estravagante coligação: — deu aos socialistas mais uma cadeira — (74 em lugar de 73). O Partido do Povo — (que são os conservadores) — ganhou 82 em lugar de 74.

Quais os partidos esmagados nas urnas — (como já se previa, quando estive em Viena, quatro meses antes das eleições)? O Partido da Liberdade, aliado aos socialistas da esquerda e os comunistas ou fossem os extremistas do ultra-nacionalismo. Digo do ultra-nacionalismo a razão me referindo, porque, fora da Rússia, os soviéticos adotam hoje quase que por toda parte um astuto itinerário de tática nacionalista.

MANSIDÃO SUÍÇA

Ouvindo, há três semanas, aqui, a magnífica oração do ilustre líder da UDN paraibana, Sr. Argemiro de Figueiredo, constatarei, a par da serenidade e da sabedoria das suas palavras, nesta hora, que elas se conciliam perfeitamente com tudo o que, desde que foi para o governo de Minas, prega o Presidente Juscelino Kubitschek. Primeiro, a sua pregação se dirigiu à oposição mineira a quem pediu colaboração no governo; depois, na órbita federal, insistiu ele, por todos os modos, com a cooperação, desinteressada ou não, dos oposicionistas, no seu elenco administrativo.

Onde se estampa, neste momento, no Brasil, uma fisionomia de administração, no modelo que reflete a expressão das duas agremiações políticas austríacas, fundidas em governo para o labor do soerguimento nacional?

Justamente na Paraíba, terra de uma vida política progressa, de furrores selvagens, mãe de Epitácio Pessoa e José Américo, duas canananas, permanentemente assanhadas, e mundo onde a oposição udenista

alinha chefetes nefandos, infernados para sempre contra os princípios tutelares da justiça e da honra.

Que paisagem de confederação helvética, que mansidão de lago suíço não é a Paraíba, atual, graças a um esforço de boa vontade de chefes tocados de patriotismo como os Senhores Velloso Borges, Ruy Carneiro e Argemiro de Figueiredo!

Sou insuspeito para falar assim, com este desembaraço, Sr. Presidente, porque da Europa, onde me encontrava o ano findo, manifestei-me contra a hipótese de não irmos, nós do PSD à luta na Paraíba pela eleição do governador.

O Sr. Ruy Carneiro — Obrigado, as palavras generosas de Vossa Excelência.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Quem ouse, diante da mão suave do fiel da coligação paraibana, Senhor Flávio Ribeiro, prorromper, um grito que a perturbe quando mais que a desfaça? Estão os paraibanos ensinando o Brasil, que a política é a arte de fazer a felicidade dos povos, sabendo os homens públicos, portanto, renunciar para conviver.

O Sr. Ruy Carneiro — De fato, na política se condiciona a arte de transigir.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — O exemplo da Paraíba, Senhor Presidente, pode ser invocado aos brasileiros, até porque é ela muitas vezes mal afamada, pelo seu espírito um pouco rumoroso e pela incandescência de suas paixões pessoais e partidárias.

O Sr. Fernandes Távora — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com a palavra o nosso sábio Nestor.

O Sr. Fernandes Távora — Tenho o prazer de comunicar a Vossa Excelência que estou pleiteando para o Ceará a mesma atmosfera de paz e tranquilidade, que V. Ex.^a está preconizando agora. E para comprová-lo, pronunciei um discurso na posse do atual governador, Paulo Saraizate, aconselhando a modificar o estado de coisas em que vivemos, ou temos vivido, de vinditas sem fim, que miserabilizam os nossos pequenos Estados. Agora, depois de Sua Excelência assumir o governo, dois amigos meus, da mais alta envergadura, foram assassinados, e ainda estou confiando em que o governador seja capaz de providenciar de modo que a justiça se faça, sem necessidade de apelarmos para a pena de Talião.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Sr. Presidente, a linha de conduta que acaba de traçar à Casa, o honrado Senador Távora, se concilia perfeitamente com a sua tradição de equanimidade e de zelo pela estabilidade do regime e da sociedade brasileiros.

O Sr. Fernandes Távora — Muito obrigado a V. Ex.^a.

BANDITISMO

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — O que se está fazendo contra as finanças públicas no Brasil são golpes que eu chamaria de banditismo. Hoje, a situação dos Estados e dos Municípios, em face da Federação é o que haverá de vexatório e intranquilizador. Sinto-me apoderado de uma cruel inquietude pelos dias próximos da nossa pátria. Constatava-me um parlamentar de Minas que, no seu município, os funcionários públicos que mais dinheiro recebem são os carteiros dos Correios e Telégrafos: oito mil cruzeiros. E para trabalhar no máximo duas horas por dia. Juiz de Direito, coletor federal, promotor e delegado ganham menos.

Quem pode fazer funcionar normalmente instituições e sociedades, deterioradas por avarias desse tamanho? Que solidez apresenta a nau do Estado a fim de resistir a tempestades que já escurecem o horizonte com uma equipagem que a

lança de animo deliberado contra os recifes onde temos a certeza de que ela deverá soçobrar?

Nunca vimos o país legal tão quebrantado no seu poder de vontade para reabilitar os valores essenciais da civilização brasileira. Para que um povo se reerga do pélo em que caiu o Brasil, é preciso que ela tenha uma elite de governo com a consciência das suas responsabilidades.

Há de ser sustentando contra os vetos corretos dos prefeitos como fazemos aqui frequentemente as decisões abomináveis do Conselho Municipal do Distrito que imporemos aos nossos compatriotas a uma vocação de governar pelo bem do povo de governar ao serviço do interesse público?

O que perpetrou este ano o Congresso pode-se tollar como a vertigem da perdição.

Que aguarda o Brasil senhor presidente dentro de doze meses? O petróleo sendo nosso continua a porrir o sono do esquecimento no fundo da terra. Não há sinal de que ele acorde tão cedo, trabalhado pelas mãos toscas do jacobinismo nacional. Mercados novos, produção de matérias-primas tropicais a fim de abastecer o parque industrial europeu norteamericano e japonês deles não se cogita. Entrada de capitais em moeda estrangeira valorizada não há esperança de obtê-los enquanto durar o irreversível pecado inflacionário.

O Conselho dos Estados Americanos (a "Hanson's Letter" reproduziu-o), opinou há pouco que a partir do segundo semestre de 1957 deveremos esperar um começo de queda que poderá chegar até 1960 a 40% nos preços atuais do café. Com o volume de despesas que alcançamos e o teto de compromissos internos e externos que já atingimos impossível nos será viver com cafés de 32 e 34 cents.

Céu limpo

São as circunstâncias do dever, que me movem neste sentido. Não se trata de guardar qualquer grau de intranquilidade com idéias preconcebidas. Não me anima outro pensamento senão por este país em céu limpo e tempo enxuto, para que ele logre trabalhar, livre dos movimentos populares que as crises financeira e econômica costumam suscitar. Se a coligação política não for possível em face dos exageros acorçados pelo melindre partidário, tome-se um denominador comum de compromissos de governo os mais essenciais, por cuja execução todos severa e solidariamente nos responsabilizemos. Só assim evitaremos para o país o constrangimento de dias muito mais calamitosos que os que mal vencemos hoje — dias que servirão de ensejo à exploração dos instintos sinistros da masorça. A imprevidência e o relaxamento no dever sivião não podem mais continuar sendo normas do trabalho parlamentar.

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Ouvirei V. Ex.^a com o apreço de sempre.

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Parece-me que V. Ex.^a se está expondo muito na defesa dessa tese. Toda vez que elementos da oposição aparecem chamando a atenção de homens de responsabilidade do país para a grave crise econômico-financeira que atravessamos os jornais oficiais, ou ofícios levantam contra eles a pecha de adiestrados e procuram cobrir essa idéia elevada de um tom ridículo, desanimando os homens verdadeiramente patriotas.

O Sr. Fernandes Távora — V. Ex.^a dá licença para um novo aparte? (Assentimento do orador) — Infelizmente no Brasil nós só acordamos depois das desgraças. Quando há uma calamidade em perspectiva todos dormem ou pelo menos se mostram

indiferentes a miséria que vem perto. Infelizmente assim é de sorte que só acordamos depois das catástrofes e daí a razão por que vivemos na miséria.

O Sr. Filinto Muller — Pego licença ao orador para contra-argumentar o nobre senador Argemiro de Figueiredo. Divirjo da afirmativa de S. Ex.^a Já tive oportunidade de dirigir um apelo às bancadas da oposição no sentido de que fizessem oposição rigorosa ao Governo esmiçasse todos os seus atos. Lembrei-lhes outrossim — e era desnecessário porque confio no patriotismo dos seus membros — deveríamos encontrar um denominador comum como aconteceu o nobre senador Assis Chateaubriand e que esse denominador comum seria a austeridade no trato dos negócios públicos, o interesse na solução dos nossos graves problemas o trabalho permanente pela coletividade e pelo Brasil. Afirmei então que neste ponto nos despiamos das qualidades de políticos para sermos exclusivamente brasileiros.

O Sr. Ruy Carneiro — Muito bem: V. Ex.^a está falando com acendrado patriotismo.

O Sr. Filinto Muller — Esta a afirmativa que fiz no Senado e posso dizê-lo em nome do Governo da República. As palavras amargas do eminente senador Argemiro de Figueiredo — a quem rendo mais uma vez as minhas homenagens de apreço profunda admiração e velha estima — não devem ser dirigidas aos membros do governo aqueles que acolam o presidente, mas antes aos que não souberam compreender S. Ex.^a principalmente no seio da sua própria assembléia. Estou contendo certo de que a grande maioria dos brasileiros acolha a atitude nobre e elevada de um entendimento em torno dos nossos problemas guardando-se o direito de fazer oposição aos nossos governantes.

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Agradeço a referência com que me honra o nobre senador Filinto Muller. Ex. I. Entretanto, há de me permitir que, embora fazendo — justiça — como faço — ao seu espírito público afirmar que, do mesmo modo que o nobre senador Assis Chateaubriand o nobre colega está-se expondo as mesmas censuras que S. Ex. I.

O Sr. Filinto Muller — Benditas censuras quando recebidas em defesa de uma causa elevada como recebeu V. Ex. I.

O Sr. Argemiro de Figueiredo — Estou de acordo com V. Ex.^a.

Enterro do partidatismo

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Não encontro senhor presidente, procedência de qualquer natureza no aparte do honrado representante da Paraíba. Se há dois cidadãos falando linguagem são o presidente e o senador. Ambos tem a mesma irla coragem de pregar o apaziguamento dos espíritos no meio da hirta carnificina das paixões. Tanto o Sr. Juscelino Kubitschek como o Sr. Argemiro de Figueiredo se erguendo acima da ansia febril das facções já pregaram a santidade do enterro do partidatismo em prol de um esquema de reconstrução nacional. De onde contido tem partido os ulvos dos pequenos lobos do paroxismo partidário contra a idéia da defesa em comum do parque da civilização brasileira ameaçado de morte pelos apetites das clientelas eleitorais que letivo e Executivo, às piores loucuras e atrocidades, para o extermínio do patrimônio da nação?

Do nosso partido, nenhuma voz se levantou até hoje para condenar os avanços do desarmamento dos espíritos formulado pelo presidente e por V. Ex.^a, meu caro Senador Argemiro de Figueiredo. A oração de V. Ex.^a nesta Casa, encontrou a ressonância simpática, que merece aliás, no seio da nossa agremiação, integrada de

mineiros pacíficos, caudilhos gaúchos defroçados, paraibanos tementes a Deus e maranhenses sofs.

Compare entretanto o Senado, o sacrifício do partidatismo exaltado que propõe o chefe da Nação, para governar em meio calmo, com os gritos raivosos que o lobinho, leader da bancada mineira, na Câmara, articulou ainda no cais do porto, antes de desembarcar da Europa. Era o Sr. Arinos quase um estrangeiro. Pouco deveria saber do que se passava aqui em sua ausência, pelo espaço de quatro meses ou mais, da pátria. Ele encontrou, no Rio, um governo, lesmagado por toneladas de encargos. Sua responsabilidade não pode ser omitida desses onus, porque como leader da bancada udenista de Minas Gerais, faltou-lhe coragem para estigmatizar os flagelos que se perpetravam na Câmara contra a fortuna do Brasil. Desmemoriado, apenas por cento e vinte dias de permanência no exterior, que propõe o Sr. Arinos, de voltar?

A revolução. Declarou — alto e bom som — que não via solução legal para um drama também criado pelo seu partido de chefes demissionários. Diante de uma semente esteril de revólta, a linguagem do primeiro magistrado é a da cordura e da paz.

O Sr. Ruy Palmeira — V. Ex.^a dá licença para um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Sou todo ouvido a V. Ex.^a.

O Sr. Ruy Palmeira — V. Ex.^a deve ter muito cuidado com certas afirmações que está fazendo.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Não se conhecem alagoanos nem paraibanos cautelosos. A cautela é contra o nosso ímpeto primordial. Somos todos naturezas de choque. Reconheço todavia, que depois que tomei assento na bancada do Maranhão, procuro, com todas as forças d'alma, ser um temperamento sereno. (Risos). As vezes, um pouco caluniado pelo nosso leader, vou entretanto vivendo, como Deus manda e o Maranhão, que é afável e doce, me ajuda.

O Sr. Ruy Palmeira — Não obstante permita que lhe lembre da necessidade de ter mais cautela além daquela natural aos maranhenses. V. Ex.^a esqueceu-se de que, outro dia, o honrado Sr. Presidente da República, num daqueles seus discursos que, tenho dito, pode levá-lo à imortalidade, mas também pode levar à morte o seu governo...

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Não apoiado! O presidente fez um discurso de fato extra-Minas, defendendo com calor o regime presidencialista. Deu arras da sua lealdade para com um regime a que outros juraram guardar-lhe fidelidade, mas do qual são hoje apenas apostatas. Nada, na oração do chefe do Estado, depois contra o seu espírito de unificador das tendências do povo brasileiro, para que tenhamos, desta vez, um robusto quadro de administração, resultante de uma obra conciliadora, como a que se realiza na Áustria, há mais de um decênio, entre trabalhistas e conservadores. No mais, o discurso do presidente é uma peça de medida acadêmica.

Natureza inquieta

O Sr. Fernandes Távora — Como os discursos proferidos pelo Sr. Getúlio Vargas.

O Sr. Ruy Palmeira — Meu receto é justamente que os discursos do Sr. Juscelino Kubitschek o levem à imortalidade, mas causen a morte do seu governo. Num deles, justamente o pronunciado no Supremo Tribunal Federal, o honrado Sr. Presidente da República disse não admitir que alguém pensasse em diminuir de um dia seu mandato, e V. Ex.^a se refere a quadriênio. (Risos).

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Peço desculpa da impropriedade do termo. Já me havia habituado ao tempo do período presidencial das passadas constituições. A alusão do presidente à possibilidade de vir a ser-lhe contraido o prazo do mandato, por certo há de se referir à nova tentativa de um movimento de força subversiva do leader da bancada udenista mineira da Câmara. Descendo de um barco transatlântico, pregou outra vez a solução extra-legal. Mas tendo sido ela dada ainda a bordo, foi como um golpe de espada nua.

Insisto em dizer a V. Ex.^a digno representante da Alagoas udenista: o atual presidente da República não o devemos tomar pelas palavras, porque ele gosta demais de peixes vivos, e o peixe morre pela boca, tomemo-lo pelos atos, que são sempre sinceros e bons e pelo coração que ainda é melhor.

O Sr. Ruy Palmeira — Isso tranquiliza a nós oturos.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — E vou dizer por que. O Senhor Kubitschek anda ultimamente saturado do espírito de polêmica dos últimos presidentes norte-americanos. Não esqueça V. Ex.^a de que o tambor rufa, mas não é ele quem atira.

O Sr. Fernandes Távora — Muito desejávamos o contrário; jugá-lo pelos atos e não pelas palavras.

O Sr. Ruy Palmeira — V. Ex.^a Senador Assis Chateaubriand, quando afirma que o eminente Sr. Presidente da República está saturado do espírito de polêmica, em que sentido o faz?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — No sentido do espírito de contravérsia e de debate. O Sr. Kubitschek é uma das naturezas mais inquietas que conheço no mundo. Até hoje não sei de outro remédio para essa tortura do presidente, senão viajar e atirar-se à ação pública, cada dia mais intrépido e rico de sugestões para oferecê-las ao país, aos amigos e aos adversários também.

O Sr. Ruy Palmeira — Pensei que S. Ex.^a já fosse excedido nesse espírito.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Excedido mil e uma vezes e esta é a força do seu maravilhoso demônio interior. O discurso de S. Ex.^a na Suprema Corte é uma ardente página de polêmica, e o que nos agrada é que o orador não sentia nenhum obstáculo, que se interpusse entre ele e os juizes do Tribunal para o impedir de pronunciá-lo.

O Sr. Ruy Palmeira — As idéias de S. Ex.^a são de certo modo, incompatíveis com esse propósito de pacificação.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Então porque um chefe do Estado se confessa ardoroso e intransigente presidencialista, ipso facto, inibido de se tornar campeão de uma jornada apaziguadora dos ânimos em sua pátria? V. Ex.^a tem crivado de acerados apertes esta minha pobre oração, mas creio, que desta, vez o golpe, como o do Sr. Afonso Arinos, no dia da chegada do colegial de Paracatu, cai nua. Reconheço que o presidencialismo é um regime de temperamento forte. Nas mãos, porém, do espírito flexível e ágil do presidente, ele permitirá mil combinações. Cá entre nós: que dificuldade pode haver para agitar desde já, uma combinação entre a UDN e o PSD se nós ambos somos conservadores, e a maioria dos partidários das nossas duas greis se recomendam pelo sentimento de ordem e pela irresistível distância com que guardamos o arsenal de garruchas e bacamartes do pequeno, e infatigável anarquista que é o Dr. Arinos

TESTEMUNHO DO GOVERNADOR

O SR. PRESIDENTE — (Fazendo soar os timpanos) — Cumpro o dever de ponderar ao nobre orador que falta apenas um minuto para o término da hora do expediente.

O Sr. Ruy Palmeira — (Pela ordem) Sr. Presidente, requiro a V. Ex.^a consulte o Senado sobre se consente na prorrogação regimental da hora do expediente, a fim de que da hora do expediente, a fim de que o nobre senador Assis Chateaubriand o nobre senador Assis Chateaubriand prossiga no seu grande discurso.

O SR. PRESIDENTE — O Senado acaba de ouvir o requerimento do nobre Senador Ruy Palmeira.

Os Senhores Senadores que aprovam a prorrogação solicitada permanecer sentados. (Pausa).

Está aprovada.

Continua com a palavra o nobre Senador Assis Chateaubriand.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Agradeço ao prezado colega pelas Alagoas, de quem sou incorrigível admirador na Casa, o ensejo que me proporciona de em alguns poucos minutos mais, abreviar estas considerações.

O Sr. Ruy Carneiro — Antes de V. Ex.^a recomendar eu gostaria de referir-me ao aparte que o nobre Senador Fernandes Távora ofereceu, quando V. Ex.^a respondia ao Senador Ruy Palmeira — que o Presidente Juscelino Kubitschek precisa se afirmar ser julgado pelos atos e não pelas suas palavras. No caso do Nordeste, desejo fique registrado no discurso de V. Ex.^a, que o Presidente Juscelino Kubitschek já ratificou seus pronunciamentos e sua palavra foi cumprida nos atos que praticou esta última semana.

O Sr. Fernandes Távora — Está se convertendo; Deus assim o conserve.

O Sr. Ruy Carneiro — Agradeço a V. Ex.^a esta declaração.

O Sr. Filinto Müller — Peço vênias ao nobre orador para acrescentar ao aparte do senador Ruy Carneiro uma pequena informação. Li, hoje, uma entrevista do Sr. Paulo Saraiva, governador do Estado do Ceará, sem dúvida um homem ilustre, competente, digno e patriota, em que afirma que no seu Estado o presidente da República está trabalhando intensamente, cumprindo o prometido, na sua plataforma, nos seus discursos de propaganda e na Conferência dos Bispos do Setentrão.

O Sr. Ruy Carneiro — Em todo o Nordeste.

O Sr. Fernandes Távora — O que é verdade.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Dentro da legalidade, do amor pessoal da pátria, do apoio às legítimas reivindicações dos governadores, eleitos pela oposição nos Estados, como está forte o presidente no meio dos pesadelos dos seus inimigos! Cotações e saídas do café melhoram dia a dia. Este mês estamos ameaçados de uma partida barra a fora de 1 milhão e 600 mil sacas, que aos preços vigentes ultrapassam de 100 milhões. Não pensemos no depois de amanhã, que é brabo. Mas o amanhã, com o café que se tem em que se está vendendo, haverá de permitir que o presidente entre a preparar um esquema em condições de diluir, pelo menos de reduzir o impacto que a superprodução cafeeira no mundo, nos prepara.

O Sr. Ruy Carneiro — Muito bem!

O Sr. Coimbra Bueno — Permite o nobre orador um aparte?

CUMPRE O PROGRAMA

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Pois não.

O Sr. Coimbra Bueno — Acabo de regressar do meu Estado, de Goiás, e posso testemunhar a V. Ex.^a que os dois grandes assuntos ora em desenvolvimento ali, estão recebendo a

ação direta do Sr. Presidente da República. Refiro-me à desapropriação total da área do novo Distrito Federal e à construção da central hidroelétrica da Cachoeira Dourada. Quanto ao primeiro, S. Ex.^a avocou a si sua solução, determinando que o Ministério da Fazenda pague os cento e vinte milhões de cruzeiros da verba votada pelo Parlamento para aquele fim; e quanto ao segundo, mandou pagar as cotas relativas à execução da obra. Ressalto estes fatos, porque se trata de arrancar dinheiro do litoral para o interior, o que é quase um milagre no Brasil. O interior sempre é sacrificado em detrimento das cidades da orla marítima.

O Sr. Gaspar Veloso — Permite o orador um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Tenho particular satisfação em ver V. Ex.^a colorir este mediocre alinhavado da sua tersa eloquência.

O Sr. Gaspar Veloso — Devo salientar um fato que nesta Casa talvez tenha passado despercebido. Em brilhante discurso pronunciado há pouco tempo, o nobre Senador Alencastro Guimarães declarou que, quando se tratava de conseguir dinheiro para pagamento de pessoal ou de aumento do funcionalismo público, sempre havia verba e boa vontade, tanto do Legislativo como do Executivo, embora continuasse deficitário o Orçamento; mas quando se tratava de conseguir de aquisição de material para obras inadiáveis, visando a melhor distribuição da riqueza nacional, levando-a diretamente da fonte da produção aos mercados de consumo, faltava sempre verba. Geralmente os governantes não davam atenção ao fato, alegando que não podiam tornar mais deficitário o Orçamento. Salientava o Senador Alencastro Guimarães as dificuldades para a vida nacional consequentes da falta de elementos na Central do Brasil e no Lóide Brasileiro. Quinze dias depois, mais ou menos, S. Ex.^a o Presidente Juscelino Kubitschek, mandava comprar nos Estados Unidos — se não me falha a memória — dez navios para o Lóide Brasileiro, a fim de incentivar a navegação de cabotagem.

O Sr. Caiado de Castro — Foram doze navios, para a Cia. Costeira.

O Sr. Gaspar Veloso — Agradeço a retificação, doze navios para a Costeira, com o objetivo de facilitar a navegação de cabotagem. Cumpria, assim, o presidente, o seu programa de barateamento do custo de vida da população brasileira. Não ouvi no Senado, nem houve na Câmara — e não me recorro de ter lido nos jornais — qualquer elogio a esse ato, que, indiscutivelmente, demonstra ao país o seu propósito de S. Ex.^a em cumprir o que prometeu na sua plataforma de candidato relativamente ao barateamento do custo de vida. Aliás o fato vem em abono da tese do Senador Assis Chateaubriand de que só assim evitaremos a situação atualmente dominante na Argentina.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Gostaria que o presidente, que é uma natureza delicada e sensível, pudesse assistir de corpo presente, depois das missas negras do terror literário udenista, na outra Casa, este "laus perenne" também de adversários seus, mas que não tem a imaturidade política dos líderes Cardoso, Arinos e Martins. A plenitude de isenção a que atingimos hoje, graças aos depoimentos de homens, e daqueles da melhor classe da oposição, consente-nos esperar a possibilidade de desbravar muito em breve, as fileiras dos bandos da intolerância, na embriaguez do novo instinto partidário, e dizimá-los com as armas de piedade e da bondade, que são as preferidas do almoxarifado do presidente.

O Sr. Lima Guimarães — Permite V. Ex.^a um aparte?

RIO DA UNIDADE NACIONAL

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com muito prazer.

O Sr. Lima Guimarães — Quero acrescentar que o presidente da República, em belo gesto, assinou ontem um convenio com o governo de Minas Gerais para a construção da Barragem de Três Marias obra muito menos mineira do que nacional.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — O rio São Francisco é o rio da unidade brasileira. Tendo afluentes em Goiás, ele é mineiro, goiano, bahiano, pernambucano, alagoano e sergipano.

O Sr. Lima Guimarães — Foi portanto, mais uma bela ação do presidente da República em benefício do Brasil e coerente com seu programa de barateamento do transporte, transformando o São Francisco em rio navegável durante o ano inteiro.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Perenemente navegável. É uma destas obras que ficam. Por ela nós temos nos "Diários Associados" há muitos anos.

Vamos levar o algodão, de São Paulo que não é o seu habitat, para o São Francisco. Ali se podem cultivar as duas fibras: o mocó e o herbáceo. Há de ser também possível fazer no grande vale a cultura algodoeira irrigada, como nos Estados Unidos, que têm já 55% dos seus algodões sob a ação benéfica da irrigação.

O Sr. Lima Guimarães — Teremos então um Nilo brasileiro, com grande fertilidade marginal, trazendo-nos consequentemente, barateamento da vida, preocupação constante do presidente Juscelino Kubitschek.

O Sr. Coimbra Bueno — Permite o nobre Senador Assis Chateaubriand um contra-aparte? (assentimento do orador) Não tendo o intuito de protestar contra o batismo do São Francisco como rio da unidade brasileira, é um grande rio mas o rio da unidade nacional, desde o Tratado de Tordesilhas, é o Tocantins. Oportunamente, voltarei ao assunto com os documentos que comprovam esta afirmação.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — V. Ex.^a desconhece a preferência que nutro pelo Tocantins. Ela é tão viável que aqui mesmo já disse que trocaria um esforço tenaz em favor da sua navegabilidade por cem capitais de Brasil no carrascal do planalto goiano. A mudança da capital para Goiás não avança a solução de nenhum problema fundamental para a prosperidade goiana.

O Sr. Lima Teixeira — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Tantos quantos queira dar o distinto colega.

O Sr. Lima Teixeira — V. Ex.^a está fazendo comentários judiciosos em torno dos propósitos do presidente Juscelino Kubitschek. Efetivamente, S. Ex.^a, que durante toda campanha de candidato foi injuriado, caluniado sempre se colocou muito alto, evitando responder no mesmo diapasão. O seu primeiro gesto foi justamente o de anistia propondo-a através do seu líder na Câmara dos Deputados. Desse propósito nunca fugiu S. Ex.^a, procurando estabelecer bom entendimento e confiança entre os brasileiros. Seu desejo, no governo, é realizar obra administrativa à altura daquelas que, com o seu sufrágio o colocaram na suprema magistratura do país.

Conceito de anistia

O Sr. Fernandes Távora — V. Ex.^a continua a atribuir ao Sr. Juscelino Kubitschek o desejo de servir aos revolucionários de Jacareacanga, quando na verdade, S. Ex.^a serviu principalmente aos seus comparsas de 11 de novembro.

O Sr. Lima Teixeira — V. Ex.^a não tem razão nesta afirmação.

O Sr. Fernandes Távora — Tenho toda a razão. Toda gente sabe que se não fosse o intuito de perdoar ao

general Lott e aos oficiais que fizeram a maiorca de 11 de novembro, jamais. Ex.^a teria tido a lembrança de assistir nos revoltados de Jacareacanga. Esta a verdade, que precisa ser repetida para que não se esteja a atribuir ao Sr. Juscelino Kubitschek uma generosidade que, em realidade, nunca passou pelo seu pensamento.

O Sr. Lima Teixeira — Neste particular, sempre estamos em discordância.

O Sr. Daniel Krieger — No conceito de anistia está o esquecimento. Já os gregos a definiam como o véu do eterno esquecimento. Se S. Ex.^a tornou essa medida, foi porque a julgou necessária aos interesses do país. Não há razão para que, todos os dias, se esteja a alegá-la como favor prestado.

O Sr. Filinto Müller — Estou de acordo com o conceito de V. Ex.^a. Anistia é esquecimento, é demonstração de sentimento superior. E o Sr. Presidente da República jamais se vangloriou de tê-la concedido.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Eu sequer aludi a anistia. Entretanto desejo discordar da heresia jurídica que no plenário está sendo sustentada. Anistia é uma providência que é concedida por aqueles que venceram e que têm o poder estatal nas mãos, e por isso dispõem de força e meios para fazê-la valer. A anistia é outorgada pelos poderes públicos a quantos se rebelaram contra a sua autoridade. Ora, em que o general Lott pode ou deve ser anistiado, por uma situação que traduz o triunfo alcançado pela sua espada de servidor da lei? Dizia um general francês que os homens organizados em exércitos, mas que não servem a disciplina, viram bandos de feras. Foi essa crise de disciplina que o punho enérgico do ministro da Guerra deteve, em nosso país. Vamos, também, nós aqui anistiar aqueles parlamentares que premeditaram o golpe e que se viram impossibilitados de ajudar a desfecção pelo fato do contra-golpe já vir a galope, inesperado, quando a aventura do golpe era armada, dentro do Palácio do Catete.

Clima de esperança

O Sr. Daniel Krieger — Não estou respondendo a V. Ex.^a, mas por tabela ao Senador Lima Teixeira.

O Sr. Fernandes Távora — O general Lott estava interessado em conceder a anistia. Mas o Sr. Juscelino Kubitschek nunca teve esse pensamento.

O Sr. Lima Teixeira — Permita o nobre orador, ainda, um aparte, para esclarecimento do nobre senador Daniel Krieger e também do nobre colega senador Fernandes Távora. Quando apartei V. Ex.^a, para tecer comentários em torno do seu brilhante discurso, especialmente sobre a maneira judiciosa com que vem apreciando a personalidade do Sr. Juscelino Kubitschek, e invoquei a anistia, quis demonstrar que estava nos propósitos do presidente da República estabelecer clima de confiança, entendimento e compreensão entre os brasileiros. A anistia não partiu de insinuação de ninguém, porque foi lembrada pelo Sr. Presidente da República, através de seu líder.

O Sr. Ruy Palmeira — Não foi precisamente lembrança. Foi esquecimento.

O Sr. Lima Teixeira — Os partidos da oposição foram pegados de surpresa, prova evidente de que o Sr. Presidente da República, como sustentou em sua campanha eleitoral, estava desejoso de criar um clima de harmonia, de paz e de compreensão entre os brasileiros.

O Sr. Fernandes Távora — A harmonia importou em uma extraordinária rasatura.

O Sr. Ruy Palmeira — Permite o nobre orador um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com prazer porque encantamos ver

nosso "butantá-boys" hoje possuídos de uma cordura e uma docilidade de anjos pasciais. (Riso) 93se nem parecem os carneiros pretos da casa, da nossa família quirirária unida.

O Sr. Ruy Palmeira — Estamos na linha do discurso de V. Ex.^a.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — No caso, Sr. Presidente, se pejeja hoje com punhos de rendas e flores abotoadas. É uma batalha das flores, um trecho da primavera de Nics. A hipótese figurada da anistia dada ao Ministro da Guerra, pela última lei, resulta de uma hermenêutica que não faz sentido.

O Sr. Ruy Palmeira — O conceito de anistia, para o nobre Senador Lima Teixeira, é lembrança; para mim, esquecimento.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — E para o Presiden: Juscelino Kubitschek é esponja. S. Ex.^a passou a esponja sobre os acontecimentos, e encorrou a página subversiva. Sua arma principal de governo, em horas tais, é perdoar, para não favorecer a reprodução de que todos querem evitar e olvidar.

O Sr. Gaspar Veloso — Muito bem!

O Sr. Ruy Carneiro — Perfeitamente. V. Ex.^a tem inteira razão.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Não se devem julgar os políticos por suas intenções, mas pelos seus atos. Se o ato foi baseado em manha ou ronha, não importa. Temos que examinar e caracterizar a ação em si, em suas consequências, para a coletividade ou para as classes militares como foi no caso. O Presidente da República beneficiou-as com a medida em discussão, não direi usando de clemência, mas dos dotes que o definiram sempre, de isenção para governar gregos e troianos.

O Sr. Ruy Carneiro — Muito bem!

O Sr. Coimbra Bueno — Permite o nobre orador um aparte?

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com prazer ouvirei o ilustre colega.

O Sr. Coimbra Bueno — Esperamos que V. Ex.^a ainda se penitencie de ter feito uma tomada injusta de posição, em relação ao problema da mudança da Capital; esperamos que V. Ex.^a se torne um dos seus propulsores, assim que penetre no âmago do grande problema cujos estudos já estão muito adiantados.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Da nova Capital dos sonhos de V. Ex.^a?

O Sr. Coimbra Bueno — Sim — é atualmente o único problema fundamental capaz de empolgar toda a Nação. O Sr. Presidente Juscelino Kubitschek ao encaminhar a concretização da mudança da Capital e mais uma dezena de grandes problemas nacionais, ensinará o denominador comum, capaz de fazer com que os responsáveis pela pleiora de partidos nacionais, busquem meios e modos de se reagruparem em torno das idéias e aspirações do povo brasileiro, consolidando o regime e restabelecendo o necessário prestígio e confiança no poder civil — evitando assim a possibilidade de descambarmos algum dia para uma nova ditadura civil ou militar, que hoje não é desejada por ninguém em sua consciência e muito menos pelas Forças Armadas, que apenas aspiram a uma boa direção da coisa pública para o bom desempenho de suas elevadas missões para com a Pátria.

Caráter negativo

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Não há perigo de vermos hoje um oficial-general, da quase totalidade das forças de terra, pôr os pés num comando de choque e demarrar. Elementos mais agitados da oposição puseram um misto de virulência

e de "mordant" no tentar recrutar forças militares para uma sedição contra o resultado das eleições presidenciais. O caráter negativo da sua pregação, logo afastaria o Exército da campanha desses cavaleiros da Lua. Quando aqui um partido, após a derrota que experimentou nos comícios, entra a pedir a ditadura militar para os seus compatriotas, esse corpo inverte-se, não é mais um partido político digno desse nome respeitável, mas um bando de desesperados, bafando às portas da aventura. Será o caso de enfileirar os como seres anormais, nos tratados de antropologia criminal, entregues aos cuidados dos discípulos de Ferri. Será crível que um país decaia e se sucumbir a sua Constituição e implanter o cesarismo militar, porque uma facção foi vencida num pleito, que ela não soube conduzir, desde a primeira hora?

A cadeira do Sr. João Goulart deveria caber ao líder da UDN. A aliança dos partidos do meio tem mais lógica do que cam forças da esquerda. Aquel ele não pode efetivar-se entre nós e a UDN, pela infatigação dos sectários que gostam, às vezes, de correr páreos sózinhos em círculo fechado. Há um mês, em Ouro Preto, tive ocasião de retomar com o general Ministro da Guerra um diálogo interrompido, faz sete ou oito anos, em Washington. O partido dos descontentes, das viúvas do Sr. Café Filho, não sabe que indole refratária à legalidade é o general Teixeira Lott. Se amanhã perdemos o regime, as palmas de mártires e de anjos serão nossas. Ele tem repugnância invencível pelas situações de força. Não me pareceu, pela conversa, que entretivemos, fosse o Ministro da Guerra indole para se enfiar pelo coxar das rãs, que estão pedindo um rei de uniforme. Os traidores da Constituição não contarão com o seu concurso nem de outro qualquer oficial general do seu estilo, para executar as instituições democráticas. Iludem-se certos udenistas mineiros, quando pensam que existe na "linha" pretendente com o complexo de inferioridade cesarista.

O Sr. Fernandes Távora — Permite V. Ex.^a um pequeno aparte? (Assentimento do orador) Pensa V. Ex.^a por acaso, que o general Lott, falando a um jornalista, não teria suas célebres restrições mentais?

O Sr. Ruy Carneiro — O general Lott não falou a um jornalista; falou a um Senador de grande valor.

O Sr. Fernandes Távora — Falou a quem é jornalista e senador. E S. Ex.^a, repito, não deixaria de fazer suas célebres restrições mentais diante de um jornalista.

O Sr. Ruy Carneiro — V. Ex.^a está enganado.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — O general Lott não seria o chefe, prestigiado pelo apoio que recebe dos camaradas e da Nação, se não fosse um ministro identificado com os regulamentos militares e insuspeito por qualquer ato de infidelidade à Constituição. Como em 11 de novembro, tinha ao seu lado a tropa e uma causa legal, logrou agir, estrangulando a subversão no nascedouro.

O Sr. Ruy Carneiro — Muito bem!

O Sr. Fernandes Távora — Enganando a todos.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Mas não o Brasil e menos os brasileiros! Se V. Ex.^a se senta ainda nesta cadeira, deve-o à lealdade do Ministro da Guerra, que a impostura de certos oposicionistas pretendia trair a si o m r em ditador. Felizmente, V. Ex.^a agita-se em torno de um acontecimento concreto, que a opinião pública conhece, para julgar como deve o hon-

rado ministro da Guerra. Os contraterroristas desarmaram os terroristas para evitar que eles implantassem uma ordem de coisas subversiva. E deram a Cesar o que era dele, pois Cesar, ou seja, o sr. Juscelino Kubitschek, era a autoridade legítima.

O Sr. Fernandes Távora — E preciso dizer a verdade: o general Lott ajudou a maior parte do Exército.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Sr. presidente, estou falando com homens exaltados e que por isso não são bons conselheiros. Um chefe militar que "ilude" os companheiros, levando-os para os itinerários da Constituição, não se afastará nunca dela e tampouco fará quem quer que seja agir de modo diverso do seu.

O Sr. Fernandes Távora — E de admirar que V. Ex.^a tenha chegado a meio tão turbulento e ficado pacato.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Tomei banhos turcos no Maranhão. Estou mais calmo.

O Sr. Lima Teixeira — V. Ex.^a está respondendo muito bem; se o general Lott não tivesse em mira, como teve de defender a legalidade, não contaria com os companheiros de farda.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Com este aparte, o senador Lima Teixeira liquidou o assunto em debate. A obediência com que o Exército acompanhou o general Lott, em 11 de novembro, só mostrou que ele era cem o porta-voz da sua classe, a qual respondia, com a sua atitude de legalidade, aos anseios de ordem da nação inteira.

NOVA VIDA

O Sr. Daniel Krieger — Se não dispusesse do Ministério da Guerra e de todos os postos de comando tomados de surpresa, não teria levado o Exército a tal situação.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Responderei aos nobres colegas da UDN...

O Sr. Daniel Krieger — Que estão ouvindo V. Ex.^a, com toda a atenção e simpatia.

...da qual o senador Daniel Krieger é ornamento, que haverá de ser com exemplares da sua decência cívica e moral, que gostaremos de ver modelados os quadros do governo federal. Num governo limpo, há lugar para todos os homens de bem e de bom quilate intelectual.

O Sr. Filinto Müller — Muito bem!

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — E com adversários da oposição da formação intelectual do ilustre representante do Rio Grande do Sul, que o sr. Juscelino Kubitschek poderá alargar o seu team de governo.

O Sr. Daniel Krieger — Obrigado a V. Ex.^a.

O Sr. Fernandes Távora — Então o sr. presidente da República terá que mudar de vida; com a que levou até hoje, não é possível.

O SR. ASSIS CHATEAUBRIAND — Há desejo o contrário. V. Ex.^a é que terá desdesforçar e das más companhias com que se perverteu aqui no R, para ingressar no quadro de forças autênticas que pensamos elaborar, com líderes da autoridade e da competência política de V. Ex.^a. Hoje funcionou o Senado como um tribunal, para fazer um decisivo julgamento político. Malgrado todo o óleo das paixões incendiárias, o presidente saiu absolvido. E a prova de que a luta de ontem está extinta e que podemos começar vida nova, sem vencidos nem vencedores, moc o fantasma da ditadura varrido dos olhos aflitos da opinião pública. Ainda temos os recursos da lei e da nossa decisão de sobreviver, dentro dela, antes de apelar para a espada — o que equivaleria a uma confissão de que somos uma República sem repúblicas.

(Muito bem! Muito bem! Palmas. O orador é cumprimentado.)